

REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

DOI: <http://doi.org/10.20873/FOTOPESS>

MEMÓRIA E INFORMAÇÃO A PARTIR DA DIGITALIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO PESSOAL DE BABÁ LODUNCINÊ TAYANDÔ (1956-2018)

MEMORY AND INFORMATION FROM DIGITALIZATION OF THE PERSONAL
PHOTOGRAPHIC COLLECTION OF BABÁ LODUNCINÔ TAYANDÔ
(1956-2018)

MEMORIA E INFORMACIÓN A PARTIR DE LA DIGITALIZACIÓN DE LA
COLECCIÓN FOTOGRÁFICA PERSONAL DE BABÁ LODUNCINÔ TAYANDÔ
(1956-2018)

Recebido 01/06/2024	Aprovado 06/08/2024	Publicado 30/08/2024
------------------------	------------------------	-------------------------

Diogo Jorge de Melo¹
Ramon Augusto Teobaldo Alcantara²
Jenifer Miranda Blanco³
Marcelo Coelho Campos⁴

RESUMO: O trabalho aborda o processo de atividades informacionais e de digitalização realizados para com o acervo fotográfico pessoal de Babá Loduncinê Tayandô (1956-2018). No qual destacam a produção de informações que foram agregadas a partir de entrevistas realizadas com o sacerdote Valdecir Junior e outras a partir de narrativas de Pai Welbe Santos, ambos filhos de santo de Pai Tayandô. Foram assim desenvolvidas formas

¹ Professor da Faculdade de Artes Visuais (Museologia) e do Programa de Pós-graduação em Cidade, Território, Identidade e Educação, ambos da Universidade Federal do Pará. Doutor em Ensino e História de Ciências da Terra pela UNICAMP e em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia e Ciências Afins. E-mail: diogojmelo@gmail.com

² Graduando em Museologia da Universidade Federal do Pará e bolsista PIBIC. E-mail: Ramon.teobaldoalcantara@gmail.com

³ Graduanda em Museologia da Universidade Federal do Pará e bolsista PIBEX-UFPA. E-mail: jeniblanco.20@gmail.com

⁴ Licenciado em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará e graduando em Museologia da Universidade Federal do Pará e bolsista PIBIC. E-mail: jeniblanco.20@gmail.com



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

processuais para processar e organizar as informações desse acervo, entendendo sua estruturação física, utilizada para organizar a base digital dos documentos. Para isso, lidamos com as potencialidades deste acervo fotográfico, com o intuito de demarcar aspectos da trajetória de vida do sacerdote e alicerçar futuras pesquisas. Demarcamos, assim, um processo de documentação museológica em construção a partir de uma criticidade que tem por objetivo desdobrar a perpetuação e construção de memórias deste sacerdote afro-amazônida, por meio das suas possíveis representações simbólicas.

PALAVRAS-CHAVE: Informação, Memória, Digitalização, Religião Afro-amazônica

ABSTRACT: The work addresses the process of informational and digitization activities carried out with the personal photographic collection of Babá Loduncinê Tayandô (1956-2018). In which they highlight the production of information that was aggregated from interviews carried out with the priest Valdecir Junior and others from narratives by Pai Welbe Santos, both sons of saints of Pai Tayandô. Procedural forms were thus developed to process and organize the information in this collection, understanding its physical structure, used to organize the digital base of the documents. To do this, we deal with the potential of this photographic collection, with the aim of demarcating aspects of the priest's life trajectory and providing the basis for future research. We thus demarcate a process of museological documentation under construction based on a criticality that aims to unfold the perpetuation and construction of memories of this Afro-Amazonian priest, through his possible symbolic representations.

KEYWORDS: Information, Memory, Digitization, Afro-Amazonian Religion

RESUMEN: El trabajo aborda el proceso de actividades de información y digitalización realizadas con la colección fotográfica personal de Babá Loduncinê Tayandô (1956-2018). En el que destacan la producción de informaciones agregadas a partir de entrevistas realizadas al sacerdote Valdecir Junior y otras a partir de relatos de Pai Welbe Santos, ambos hijos de santos de Pai Tayandô. Se desarrollaron así formas procesales para organizar y procesar la información de este acervo, entendiendo su estructura física,



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

utilizadas para organizar la base digital de los documentos. Para esto, abordamos las potencialidades de esta colección fotográfica, con el objetivo de delimitar aspectos de la trayectoria vital del sacerdote y sentar las bases para futuras investigaciones. Delimitamos así un proceso de documentación museológica en construcción a partir de una criticidad que pretende desplegar la perpetuación y construcción de memorias de este sacerdote afroamazónico, a través de sus posibles representaciones simbólicas.

PALABRAS CLAVE: Información, Memoria, Digitalización, Religión Afroamazónica

INTRODUÇÃO

O trabalho se caracteriza a partir da teorização e descrição das atividades realizadas pelo Projeto de Extensão da Universidade Federal do Pará (UFPA) - *Digitalização e exposição do acervo fotográfico de Pai Tayandô* - e suas ações ao longo do ano de 2023. Este é um projeto vinculado ao Projeto de Extensão do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas (Museu Surrupira) do Curso de Museologia da Faculdade de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação, ambos da UFPA. A partir do escopo de ambos os projetos apresentamos neste trabalho um relato de caráter crítico das atividades desenvolvidas, construído na intenção de apresentar as formas processuais encontradas e escolhidas para lidar com um acervo fotográfico pessoal. Composto de uma coleção privada pertencente a um sacerdote afro-amazônida, Luiz Augusto Loureiro Cunha (1956-2018), mais conhecido como Babá Loduncinê Tayandô, já falecido e cuja custódia encontra-se com um dos seus filhos de santo, Pai Junior (Valdecir Junior).

O contato com este acervo fotográfico e a proposta de sua digitalização, se iniciou em 2022, quando os pesquisadores do Museu Surrupira se



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

depararam com esse acervo guardado em caixas de papelão em uma espécie de sótão na residência de Pai Junior. Os quais se encontravam em um estado de conservação que podemos considerar crítico, já que o elevado índice de umidade e altas temperaturas da cidade de Belém não são os mais adequados para a preservação de acervos. Principalmente os de natureza mais sensível, como no caso fotográfico. Inclusive, algumas caixas de armazenamento de papelão já se encontravam com ataque de cupins e muitos dos materiais encontravam-se fungados.

Na ocasião em que nos deparamos com o acervo, tínhamos sido levados à casa de Pai Junior por Pai Welbe Santos (Babá Odé Onigbosinã)⁵, seu irmão de santo, para conhecer o terreiro de Pai Tayandô. Tal motivação se dava por sempre fazermos muitas perguntas e demonstrarmos grande interesse e curiosidade sobre o seu pai de santo. Devemos destacar que Pai Junior reside no local onde era o seu terreiro, onde ainda realiza algumas atividades afroreligiosas, mas não mantém a casa em pleno funcionamento, não realizando festividades e nem desenvolvendo filhos de santo. Devemos destacar que Pai Tayandô deixou como herdeiro oficial um dos filhos biológicos de Pai Junior, Mykael Silva, e ele se encontra como tutor dos bens, o que apresenta a existência de forte ligação de Pai Tayandô com Pai Junior, como se fosse seu pai biológico e avô dos seus filhos.

Na ocasião, Pai Junior convidara Pai Welbe para lhe mostrar e doar algumas coisas do sacerdote, das quais gostaria de se desfazer, e que poderiam ser de interesse dele para utilizar em seu terreiro; dentre os objetos, algumas roupas e muitos livros. Em meio a conversas, Pai Junior subia em

⁵ Já realizamos com Pai Welbe diversas pesquisas e ele nos auxiliou em diversas atividades educativas (Alcantara *et al.*, 2023).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

uma espécie de sótão e descia com caixas cheias de livros e outras com fotografias. Nesse processo, rememorava Pai Tayandô e começou a nos mostrar as fotografias e a contar diversos fatos sobre elas. Logo percebemos a riqueza daquele material e a complexidade informacional existente nele, e começamos a elucidar possibilidades de como trabalhar com aquele acervo.

Assim veio a ideia de digitalização e até da produção de uma exposição a partir deste acervo por intermédio das ações do Museu Surrupira. Destacamos que não houve interesse de doação deste acervo para alguma instituição museal ou de memória, existindo grandes laços afetivos com ele. Feitos os acertos com Pai Junior, e com o apoio de Pai Welbe, o acervo foi emprestado para digitalização e assim surgiu a proposta do projeto, que concorreu — e ganhou —, no final do ano de 2022, ao IV Prêmio Proex de Arte e Cultura, o qual possibilitou a sua execução em 2023. Destacamos que ambos Pai Junior e Pai Welbe possuem grande interesse em compartilhar a memória de seu babalorixá, e sempre se mostraram muito dispostos a todas as nossas propostas.

Destacamos que as ações do Museu Surrupira são configuradas como experimentações museais, sendo este considerado um museu virtual com o objetivo de pensar processos de musealização e difusão dos conhecimentos das encantarias e encantados afro-amazônicos. Busca também a difusão de conhecimentos sobre as religiões afro-amazônicas e o combate a diversos tipos de preconceitos, como os raciais, principalmente o racismo religioso e de gênero e a promoção de aspectos de inclusão. Em nossos processos de experimentações museais, normalmente lidamos com aspectos imateriais, onde o uso de audiovisuais e mídias digitais sempre foram nosso principal meio de comunicação, e os entendemos como parte de um processo de



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

musealização (Melo *et al.*, 2023). Nesse contexto, defendemos e compreendemos os terreiros como instâncias museais, que salvaguardam diversos saberes, principalmente os da diáspora negra africana (Melo, 2020; Melo e Monteiro, 2021; Melo e Campos, 2023).

Logo, objetos vinculados às memórias de Pai Tayandô nos são de grande importância, assim como o protagonismo de suas manifestações culturais. Este sacerdote foi um dos grandes difusores do conhecimento dos encantados afro-amazônicos, principalmente da Pajelança e do Tambor de Mina e a partir do seu acervo fotográfico temos a oportunidade de ter acesso a muitas informações da sua trajetória de vida⁶. Além disso, tínhamos acesso a dois informantes sobre as representações de memória contida nesse acervo imagético, assim como diversos materiais audiovisuais, disponíveis na internet, em que o próprio sacerdote registrou seus depoimentos. Aspectos que foram utilizadas no processo informacional em questão e alguns se fazem presente no artigo.

Sobre as representações contidas nestes suportes informacionais, compreendemos que elas se configuram em presentificações de uma ausência, conforme apontado por Pesavento, Santos e Rossini (2008), já que nesse contexto representante e representado possuem fortes relações, principalmente de aproximações. Logo, o conjunto fotográfico em questão é capaz de fazer presente o ausente por meio de suas representações simbólicas. Com relação a falta de conhecimentos sistematizados sobre o acervo, carecíamos do compartilhamento de saberes sobre os quais os nossos informantes possuíam amplo domínio. Com isso, consideramos a

⁶ Devemos destacar que o conceito de trajetória de vida, neste trabalho flerta com as acepções de pesquisas autobiográficas, na busca de desvelar percursos da subjetividade, construída e reconstruída no processo de pesquisa (Souza *et al.*, 2008).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

representação imagética como uma forma de composição de imaginários, do mundo do vivido, do visível e do experimentado. Nesse processo se abre um mundo de possibilidades, principalmente as museais, mnêmicas e a de constituição de identidades, todas passíveis de serem trabalhadas museologicamente.

Destacamos que esta foi a primeira vez que o Museu Surrupira lidou com acervos físicos, materiais, tendo que construir um complexo informacional que se iniciou com a digitalização e sua documentação. Aspecto que acabou por formatar as acepções do acervo digital, realizadas junto a um constructo informacional agregado, utilizado para a proposição de desdobramentos de sua utilização como: fontes primárias para pesquisas, iniciativas expositivas e artísticas. Logo, temos neste artigo uma pesquisa qualitativa que se desenvolve em uma instância de observação participante, com escopo etnográfico e informacional, em um âmbito experimental e processual, pautado em dados visuais e em aspectos da Memória Social (Angrosino, 2009; Gondar; Dodebei, 2005; Gibbs, 2009; Banks, 2009).

Destacamos que por Memória Social é compreendido como uma área do conhecimento que evidencia exercícios retrospectivos de compreensão de realidades, circunscrito pela necessidade de criar e costurar significados em abordagens metodológicas que permitem confrontar histórias e percepções de mundo, assim como relações de sociabilidade. Configurando-se assim como uma base teórica e metodológica de pesquisas as quais configuram uma estrutura que nos possibilitam trabalhar com fontes orais, como relatos, testemunhos ou narrativas de processos compreendidos como históricos (Pomiam, 2000; Nogueira, 2019).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Realizamos assim uma descrição dos processos desenvolvidos, conjuntamente com uma criticidade pautada em bases bibliográficas. Destacamos que o projeto não se encontra finalizado e apresentamos aqui algumas ações produzidas no ano de 2023, as quais culminaram na exposição - *Babá Loduncinê Tayandô: memória em arte*. Destacamos que este projeto continua seu desenvolvimento no ano de 2024, focando-se na documentação, digitalização da parte restante do acervo e em pesquisas sobre a memória e trajetória de Pai Tayandô.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE PAI TAYANDÔ

Para compreendermos a importância deste acervo, devemos destacar um pouco a relevância da trajetória de vida de Pai Tayandô e suas representações sociais e políticas, principalmente na cidade de Belém do Pará. Por trajetória de vida, compreendemos como diferentes localizações de momentos circunscritos em um lugar social em que os indivíduos representam sua trajetória e seu olhar, principalmente ao narrar suas experiências. Trata-se de um aspecto relacionado ao dinamismo social e à seleção das lembranças no local onde as memórias individuais estão situadas e vão de encontro com as memórias coletivas (Halbwachs, 1990). No caso em questão, temos um acervo fotográfico e as narrativas de nossos interlocutores como suporte na circunscrição da trajetória de vida de Pai Tayandô.

Podemos destacar que este sacerdote vivenciou momentos importantes de transformações políticas e religiosas no Brasil, especialmente da Região Norte, o que o permitiu se engajar em movimentos políticos, muitos dos quais encontram-se registrados nesse acervo. Além destes aspectos temos diversas



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

relações históricas, como as origens de sua vida sacerdotal, suas primeiras práticas religiosas, seus modos de trabalho ritualístico e até como eram fisicamente os seus espaços de atuação. Outra instância que podemos destacar nas representações são diversas relações de afeto, dentre as quais vão ter destaque as relações parentais e de amizade, mas também aspectos íntimos do cotidiano de seu terreiro. O que nos direciona inclusive em uma instância ética, pois nem tudo presente neste acervo poderia se tornar público. Com isso, precisávamos do respaldo de nossos interlocutores como sujeitos que poderiam estabelecer e indicar esses limites éticos quando houvesse.

Com base nas narrativas de Pai Junior e Pai Welbe e nos próprios relatos do sacerdote, documentados em diversos vídeos que destacam sua trajetória de vida⁷, pudemos circunscrever uma base histórica e condutora para a interpretação ordenativa deste acervo. Neles tentamos identificar determinados momentos de sociabilidade, assim como questões políticas, configurando categorias sistemáticas, ressaltando o propósito para o qual aqueles testemunhos foram criados. Isto é, porque aquelas fotos foram tiradas e guardadas como parte deste conjunto que compreendemos como sendo uma coleção.

Sabemos que Pai Tayandô nasceu na região amazônica, em Belém (PA), e durante a sua infância e adolescência provavelmente conviveu com diversos aspectos das religiosidades afro-amazônicas. Podemos também compreender que, em sua adolescência, conviveu com um cenário sociopolítico complexo no Brasil, o período da Ditadura Militar (1964-1985). Momento este em que a população brasileira passou por dificuldades econômicas e processos de repressão cultural, restrição de direitos e

⁷ Foram utilizados dados de dois audiovisuais disponibilizados no YouTube, sendo eles: Pajelança (Pantoja; Farías; Schaan, 2016); Baba Tayando (Junior, 2019).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

perseguição policial (Rangel, 2019; Fontes & Mesquita, 2024). Com isso, acreditamos que esse contexto histórico possa ter influenciado a sua formação e escolhas políticas. Sabemos que estudou História na Universidade Federal do Pará e, apesar de não ter concluído o curso, ele parece ter influenciado consideravelmente a sua atuação social (Luca, 2010). Sobre a fase inicial de sua vida e o despertar para o universo da religiosidade afro-amazônica, temos a seguinte narrativa:

Eu nasci em casa, então quando eu nasci lá, a minha tia chamava-se Lucibera. Ela era meio entendida, era uma pessoa esclarecida dentro do santo. Quando eu nasci, ela colocou uma pataca. Pataca é uma moeda antiga, que já foi dinheiro nosso. E tirou um anel dela, que ela tinha um anel muito bonito de ouro e botou na água pra eu poder tomar o primeiro banho, que era costume de se fazer isso antigamente. (Transcrição de Pantoja; Farias; Schaan, 2016)

Tal ritual, não sabemos ao certo, se configura provavelmente como um rito de proteção e prosperidade, porém ele nos apresenta a inserção do sacerdote no contexto religioso afro-amazônico. Pai Tayandô também narrou que, aos seus quatro anos de idade, teve sua primeira manifestação espiritual, na ordem da Pajelança Cabocla, quando se apresentou um caruana⁸, denominado de Mestre Boto Juvenal. Tal episódio teria ocorrido em um sítio de sua família, no município de Marituba (PA). O encantado teria vindo com o objetivo de curar seu avô, que na ocasião estava sofrendo com erisipela⁹. Conforme nossos informantes, este seria um relato que sempre compartilhava com seus filhos de santo, quando se referia à sua iniciação no mundo das encantarias afro-amazônicas.

⁸ Também conhecidos como povo do fundo, são entidades com as quais os pajés incorporam, para realizar seus feitos, curas. São seres que normalmente habitam o fundo dos rios e muitos têm nomes associados a animais e plantas (Lima, 1993; Maués & Villacorta, 2001; Melo, 2020).

⁹ Erisipela é para os afroreligiosos uma doença infecciosa de pele, a qual o sacerdote também chama de vermelhão. Não necessariamente é a mesma patologia bacteriana conhecida pela medicina, mas possui aspecto semelhante.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

O Mestre Boto Juvenal foi um dos seus principais encantados, no caso ligado à manifestação da pajelança, a qual dizia ter vínculos com os saberes e as forças do território marajoara. Conforme Salles (2008) compreendemos que a pajelança aqui referida se configura no que é nominado pelos antropólogos de pajelança cabocla ou rural, que se formatou na região amazônica a partir da junção de tradições indígenas e afro-diaspóricas e trata-se normalmente de uma prática solitária. O que não foi o caso de Pai Tayandô, pois enveredou para outros segmentos afrorreligiosos¹⁰. Sobre essa manifestação do caruana em Pai Tayandô proferiu:

Bem, ia eu fazer quatro anos de idade, em dezembro de 1959. Eu estava aqui no Uriboca, já em Marituba, no sítio do meu avô. Ele tinha um botecozinho lá, chamado Flor do Uriboca. E aí eu estava lá, e ele estava sofrendo de erisipela, que nós chamamos de vermelhão, ela dá uma febre que a pessoa treme, treme igual uma vara verde.

E aquilo me tomou, que eu não me lembro, eu não tenho detalhes dessa história. Aquilo me tomou, tá vendo, de uma certa força e pediu uma garrafa de cachaça. Aí meu avô mandou dar cachaça, e aquilo foi comigo pro lado, no lado do sítio dele tinha um araçazal, e aquele que tava em mim, pegava folhas lá, não se sabe quais foi, mastigava e cuspiu dentro da vasilha. Veio de lá, botou na ponta do lençol dele, molhou aquilo e rezou alguma coisa. Meu avô contava pra mim, que aquilo fez alguma menção com a boca, e ele acredita que estava rezando, e meu avô dormiu.

Aquilo ficou lá com aquela garrafa de cachaça, e minha vó, que era sajica (regionalismo amazônico para pessoa forte), Dona Mundica, vem lá de dentro com um chicote. Aí ela vem de lá e diz assim - Olha vamos acabar com essa palhaçada, acabar com essa palhaçada, parar com esse negócio aí, me dá logo essa garrafa de cachaça senão eu te dou uma muchingada.

Aquilo que tava em mim, virou pra ela e disse assim - Tu não vais me bater porque eu não sou teu neto. Mas ela prestou atenção que aquilo estava falando, e a fala que estava não condizia com a mesma fala minha, por mais que tinha o tapitati

¹⁰ Ainda averiguamos influências da pajelança de Pai Tayandô nos rituais realizados por Pai Welbe, quando realiza um conjunto de doutrinas cantadas, as quais denomina de Baião de Cura.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

tapiti das crianças, mas aquela fala tava entonando de uma outra forma.

Ela virou assim pra ele, colocou a mão na cintura e disse assim pra ele, tudo isso, tô me lembrando de como ela fazia pra mim, na ocasião. Ela botou essa mão na cintura e disse assim - E quem tu és então moleque? Ai aquilo que tava em mim disse - Me respeite, eu me chamo Juvenal, eu sou um boto encantado. (Transcrição de Pantoja; Farias; Schaan, 2016)

Pai Tayandô a partir de então teria uma jornada espiritual complexa, onde passaria por diversas iniciações e aprenderia diversas formas de manifestações da espiritualidade afro-amazônica. Nesse percurso, sabemos que se dedicou e se iniciou na Umbanda em 1976, na Seara de Umbanda de José Tupinambá de Mãe Marina do Espírito Santo Mesquita na cidade de Belém (PA). Posteriormente, viajou para o Estado do Maranhão para ser iniciado no Tambor de Mina, no terreiro de Pai José Ribamar dos Santos, onde foi consagrado para o vodunço Dom Manuel da Vera Cruz (1979). Após o falecimento de seu pai de santo, tirou a mão fria¹¹ de seu sacerdote anterior, e se tornou filho de Pai Orlando Bassu, sendo iniciado em 1982 no orixá Oxaguiã, quando ganhou seu nome de nação Babá Loduncinê Tayandô (Figura 1) (Junior, 2019).

O Babalorixá Orlando Machado da Silva (1947-2022), mais conhecido como Pai Orlando Bassu (1947-2022), foi um sacerdote de grande destaque no cenário afroreligioso paraense, no qual teve intensas ações em prol das causas sociais, sendo conhecido por ter sido um grande acolhedor da comunidade LGBTQIA+¹². Segundo Campelo e Luca (2007), esse sacerdote vem de uma linhagem que remonta ao Terreiro do Egito, uma das casas fundadoras do Tambor de Mina no Maranhão, tradição que lhe foi passada por

¹¹ O termo se refere a troca de pai de santo após a morte do anterior, para que o afroreligioso possa continuar seu percurso na religião.

¹² O sacerdote é reconhecido como o precursor na iniciação de pessoas trans no Candomblé no Pará (Costa, 2022).

sua mãe de santo Margarida Mota. Pai Orlando Bassu fundou e comandou o Abassá Afro-brasileiro Lego Xapanã de Mina-Nagô, no bairro da Condor, que funciona até os dias atuais, sendo comandado por sua viúva, Mãe Adriana Zanidê. E, segundo as mesmas antropólogas, foi um religioso de extrema esquerda, e isso pode ter influenciado Babá Tayandô a empenhar-se nos debates sociais e de promoção cultural. Sabemos que houve divergências entre ambos os sacerdotes — as quais desconhecemos — que fizeram ambos se afastarem.

Figura 1 – Obrigação de 14 anos de feitura de Pai Tayandô, na foto com seu pai de santo, Orlando Bassu, década de 1990.



Fonte: Acervo pessoal do Pai Tayandô, digitalizada pelo Museu Surrupira em 2023 (MS-A0.73).

A partir dessa breve contextualização, podemos compreender que esse acervo fotográfico acaba sendo uma representação da história de vida e trajetória de Pai Tayandô e principalmente das religiões afro-diaspóricas de Belém (PA). Isso se deve pelo fato de ter sido uma figura pública das vertentes afrorreligiosas da capital paraense e por ter ganhado durante sua vida uma notoriedade e importância. A qual não se restringiu somente às comunidades afrorreligiosas, pois estava envolvido no meio político e cultural da cidade de



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Belém (PA), organizando campanhas políticas e atos culturais em praças públicas e em seu terreiro.

CONSTRUINDO MEMÓRIAS E MUSEALIDADES PARA O ACERVO FOTOGRÁFICO

A complexidade desse acervo e a riqueza informacional representada nas fotografias necessitavam de um trato curatorial apurado, no sentido de um refinamento informacional, pois carecíamos de maiores detalhes descritivos sobre as representações imagéticas neles contidas. Esse aspecto, durante o processo de documentação do acervo foi desenvolvida uma metodologia para atrelar informações aos documentos. Pai Junior se mostrou muito comprometido nesse quesito e apresentou amplo domínio em relação às imagens, conseguindo explicar praticamente todas. Também tínhamos Pai Welbe que conseguia nos tirar determinadas dúvidas.

Logo, tínhamos o propósito, para além de uma documentação museal, de evidenciar as musealidades desse acervo. Isto é, destacar representações simbólicas pautadas na memória e que se constituiriam a partir de relatos e testemunhos orais. Devemos destacar que compreendemos por musealidade a relação específica entre o ser humano e a realidade (Sofka, 1980; 1981), constituída nos espaços e nos conjuntos de objetos que reconhecemos como museais. O que entendemos que designa uma atribuição conceitual imaginada e relevante em seu âmbito contextual atrelada ao processo de musealização/documentação (Melo, 2020).

Em termos de metodologia para aquisição informacional do acervo fotográfico, marcamos três encontros com Pai Junior, nos quais as imagens



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

digitalizadas eram projetadas em uma tela e ele ia narrando e conversando sobre elas (Figura 2). Momento em que sempre buscávamos realizar perguntas no sentido de identificar pessoas, eventos e tempos ali representados. Nesse processo, de memória revisitada, gravávamos a sua fala e o filmávamos, para que depois essas informações pudessem estar presentes e agregadas na documentação do acervo. Realizamos uma série de três entrevistas com Pai Junior, nos dias 15, 22 e 29 de novembro de 2023. As informações foram utilizadas para a descrição documental das imagens. À medida que Pai Júnior ia descrevendo locais, reconhecendo pessoas e narrando detalhes sobre o contexto das fotografias, a equipe responsável pela documentação também realizava anotações.

Devemos destacar que muitas das memórias acionadas por Pai Junior eram herdadas, pois em muitas situações ele não esteve presente, mas teria escutado relatos sobre. Destacamos que a ideia de lidar com memória social não é com o intuito de construir verdades ou um relato fidedigno do passado, e sim de compreender uma complexidade de processos sociais, individuais ou coletivos, com aportes psicológicos, políticos, dentre muitos outros. Nesse aspecto, a fala de Pai Junior constitui uma narrativa sobre o que ele é capaz de apontar sobre este acervo. Com relação a Pai Welbe, não utilizamos a mesma metodologia, sendo ele acionado esporadicamente para sanar algumas dúvidas ou questões sobre as imagens.

Figura 2 – Pai Junior no momento da gravação, enquanto observava as fotografias digitalizadas.



Fonte: Fotografia de Marcelo Coelho, 2023. Acervo fotográfico do Museu Surrupira.

DIGITALIZAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO DO ACERVO

Nosso objetivo na digitalização deste acervo era poder compreender um pouco melhor diversos aspectos sobre a trajetória de Pai Tayandô e as suas atuações em diversos espaços sociais, muitos deles representados imageticamente nestes documentos. Como não tínhamos posse definitiva desse acervo e nem possuímos estruturas para sua salvaguarda, apenas o estamos digitalizando e organizando informacionalmente. Além disso, fizemos pequenos processos de higienização básica, como a retirada mecânica de poeira e fungos com trinchas de cerdas macias. No caso, não realizamos procedimentos mais complexos por não possuímos maiores recursos estruturais e financeiros.

De início, precisávamos compreender a estrutura deste acervo, pois ele possuía algumas fotografias soltas, outras em álbuns básicos (como os que as empresas de revelação fotográfica disponibilizavam aos seus clientes), e álbuns mais complexos, como os típicos álbuns de família da década de 1970 e 1980 (Figura 3).

Figura 3 – Diversidade existente no acervo fotográfico e seus distintos suportes, álbuns fotográficos.



Fonte: Fotografia de Ramon Alcantara, 2023. Acervo fotográfico do Museu Surrupira.

Com base na estrutura física desta coleção, tínhamos que compreender algumas lógicas do acervo, com destaque para sua ordenação informacional física, para direcionar como seria a sua ordenação digital, procedimento que compreendemos a partir do conceito da Arquivologia de arranjo documental. Estes são arranjos técnicos, compreendidos como “as regras que regem o agrupamento de documentos ou os processos descritivos, sobre as normas aceitas internacionalmente facilitadoras do trabalho diário dos profissionais da área” (Murguia e Registro, 2006, p.72).

Estes autores também se referem aos ordenamentos dos objetos no espaço, o que não era nossa questão. Tais agrupamentos documentais, conforme Camargo e Bellotto (1996), exigem e encontram-se atrelados a



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

questões de anseio organizacional, pois toda emissão, circulação ou acúmulo pressupõe ordenamento. Este, para os autores, ocorre em dois níveis: o primeiro determinado pela origem ou gênese e o segundo a partir do seu tratamento por profissionais. O aspecto informacional é determinante do conteúdo a ser acessado e, com isso, pressupõe os direcionamentos informacionais que os usuários poderão acessar.

Com isso, compreendemos que o arranjo documental (em nosso caso, um acervo não físico, digitalizado e imagético) possui uma origem em um arranjo estrutural genético, físico, que deve ser levado em conta para a sua ordenação — seu arranjo documental, constituído a partir da “tensão entre realidade e desejo, ou entre a arte da palavra e a técnica do ofício” (Murguia e Registro, 2006, p.72). De princípio, tínhamos que nos pensar como usuários que acessariam essas informações para a sua utilização em nossas pesquisas acadêmicas e museológicas, assim como sujeitos afro-amazônidas que poderiam compreender o acervo como parte constituinte de suas identidades.

Essas estruturas presentes no acervo devem ser compreendidas como processos informacionais que podem ter sido estabelecidos de forma intencional ou não por Pai Tayandô, sendo ele o colecionador que conduziu as lógicas formativas do acervo, as quais desconhecíamos. No entanto, muitos de seus aspectos poderiam ser perceptivos, por meio da compreensão de suas redes de sociabilidade, como relações parentais (biológica ou da família de santo) e aspectos temporais dos objetos em questão. Com relação a este último, podemos evidenciar a fisicalidade deste processo, relacionando-o ao tipo de fotografia, pois somos capazes de perceber gerações distintas desta tipologia de acervo. Ficam evidentes quais são as mais antigas e as mais recentes, mas em muitas ainda temos dificuldades interpretativas em relação à

temporalidade. Destacamos também os aspectos estéticos da época, como as vestimentas utilizadas, e estes são ótimos índices informativos.

Devemos também evidenciar diversas informações colocadas nos álbuns e nas próprias fotografias. Nesse quesito, Pai Tayandô foi muitas vezes bem detalhista, sempre colocando datas, nomes dos eventos e muitas vezes descrevendo as pessoas ou eventos. Por exemplo, em uma das fotos caracterizadas como sendo das mais antigas do acervo, ele descreveu - “Nº 08 – meu segundo congá 80” (Figura 4A) e em outra, mais recente, é possível observar na imagem a seguinte descrição - “Rebujo dos Botos = Mestre Juvenal”, nome de sua casa de Pajelança e do seu mestre encantado (Figura 4B).

Figura 4 – Fotografias do acervo pessoal de Pai Tayandô. A) Fotografia do congá de Pai Tayandô, provavelmente da década de 1980, com detalhe do verso, escrito com a letra do sacerdote “Nº 08 – Meu 2º Congá 80” (MS-A3.50). B) Fotografia provavelmente do ano de 2004, mostrando o congá de Pai Tayandô, onde encontra-se escrito “Rebujo dos Botos = Mestre Juvenal” (MS-A0.54).



Fonte: Acervo pessoal do Pai Tayandô, digitalizada pelo Museu Surrupira em 2023.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Antes de adentrarmos em suas especificidades, devemos destacar algumas características deste acervo fotográfico que devem ser levadas em conta em seu processo de documentação. Existem diversas problemáticas que envolvem a organização deste tipo de acervo, principalmente em relação à recuperação do seu conteúdo informacional. Em decorrência de sabermos que existem distintos níveis de realidade contidos nas fotografias e a lógica da organicidade compreende o estabelecimento de sentidos e significados. Podemos dizer que as fotografias possuem uma realidade de superfície, resultado do processo fotográfico efetivado. O qual foi produzido em um contexto histórico, sendo a fotografia um fragmento ou recorte da realidade e do tempo (Murguia; Registro, 2006).

As fotografias também são críveis aos seus leitores, sendo elas muitas vezes compreendidas como atestados de veracidade. Por exemplo, durante o nosso processo informacional, Pai Welbe nos falou da importância da fotografia como testemunho e prova das feitura de santo realizadas por Pai Tayandô, pois elas comprovariam que determinado filho de santo seria legítimo¹³. Podemos dizer que as fotografias atestam a existência de uma realidade, mas que são sempre interpretativas, produto de escolhas e, por isso, não são espelhos da realidade ou processos de total fidelidade (Murguia; Registro, 2006). Nesse quesito, lembramos inclusive que elas podem ser simulacros ou intencionalmente podem ser produzidas para representar situações que não correspondem aos fatos.

¹³ Segundo este sacerdote, já apareceram pessoas se intitulando filhos de santo de Pai Tayandô, as quais eles não os reconheciam como tal. Afirma que seu babalorixá sempre fotografava seus rituais como forma comprobatória e que não realizava nada às escondidas. Logo, julga a não existência de fotos e outros testemunhos como um quesito para o não reconhecimento. A fala foi também corroborada por Pai Junior.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Esta última questão seria uma das principais críticas a serem levadas em consideração quando se utilizam fotografias como fontes documentais históricas. Apesar disso, as reconhecemos como excelentes documentos sociais, sendo base compreensiva dos testemunhos históricos, se devidamente contextualizadas. Como nos aponta Freund (1976), elas estabelecem bases testemunhais capazes de desencadear interpretações como informação e comunicação, mesmo que passíveis de manipulação, tanto em suas produções como em leituras. Com esses aportes, devemos ter demasiado cuidado ao atrelar informações, sejam elas testemunhais ou interpretativas, a um conjunto documental fotográfico, contextualizando-as e evitando falseamentos.

Para digitalização e organização inicial do acervo fotográfico, optamos por escolher os seguintes critérios documentais: primordialmente numeramos os 54 álbuns e as fotos avulsas, o que totalizava o número de fotografias pertencentes à coleção em 2.088 unidades. Especificamente, havia 52 álbuns comuns e dois álbuns de família, estilo década de 1980, e 568 fotografias separadas, em diversos tamanhos¹⁴. Até o momento, digitalizamos 90% do acervo. Devemos destacar a nossa dificuldade no processo de digitalização dos álbuns de família estilo década de 1980, pois se encontravam acidificados, com papel e plástico amarelados e, como era comum na época, as fotos eram colocadas sob uma película plástica transparente adesivada, o que nos impediu de digitalizá-las com maior qualidade. Já que não queríamos destruir as estruturas dos álbuns e muitas fotografias poderiam ser danificadas. Processo que careceria de cuidados mais refinados, realizados em laboratórios de conservação e restauração. Por isso, optamos por digitalizar as fotos com a

¹⁴ Algumas encontravam-se associadas a determinados álbuns, por estarem dentro deles, outras se fazem evidenciar suas relações com determinados álbuns. Informações que buscamos não perder ao longo do processo, pensadas como estruturas arqueológicas.

película plástica, o que prejudicou muito a qualidade final das imagens. Inclusive, algumas das películas se encontravam enrugadas, o que piorava ainda mais os resultados (Figura 5). Destacamos que o processo de digitalização foi realizado em uma impressora multifuncional Epson L4260, em 300 DPI. Algumas imagens, consideradas de maior relevância foram digitalizadas em 600 DPI.

Figura 5 – Exemplo de página de álbum fotográfico digitalizada, com interferência da camada plástica adesivada, que se encontra enrugada. Nota-se também a presença de fungos abaixo da superfície plástica. As imagens representam uma festividade da Cabocla Jarina, ocorrida durante a celebração do aniversário de Tayandô, provavelmente na década de 1980.



Fonte: Acervo pessoal do Pai Tayandô, digitalizada pelo Museu Surrupira em 2023.

Neste complexo documental, começamos a perceber as estruturas desse acervo e identificar padrões, os quais percebemos serem recorrentes ao longo das representações imagéticas. O primeiro, e mais evidente, foram as festividades e rituais afroreligiosos realizados no Terreiro de Pai Tayandô. Estes foram sempre muito bem documentados, com fotos do terreiro, das



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

entidades, de seus filhos de santos, convidados e algumas vezes com imagens dos rituais de feitura. Estas últimas, com carácter testemunhal, são comprobatórias de feitura, como mencionado anteriormente. Destacamos que esses rituais são fechados e normalmente não se fotografam, sendo realizados em locais reservados chamados de runcó.

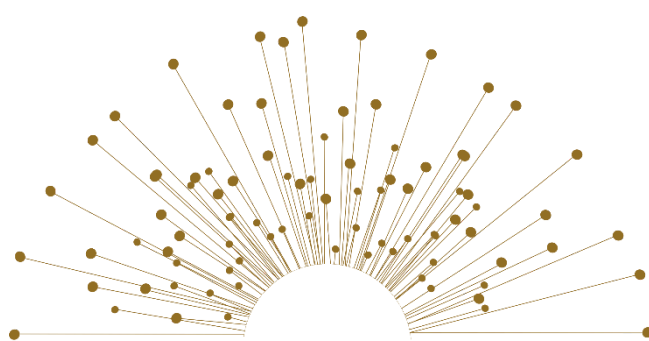
Segundo Pai Welbe no documentário *Meu Terreiro Meu Museu - Tambor de Mina: Na casa de Asé Nago Igboalama e Osun*, os runcós são locais de recriação da África no terreiro: “[...] foi recriado para que nós possamos iniciar os nossos adeptos, e para que possam receber as divindades africanas como orixás, voduns para que possa nos beneficiar e presentear com a sua presença nos nossos rituais” (Museu Surrupira, 2022). Estas fotografias então seriam consideradas matérias sensíveis que não podem ser utilizadas sem o consentimento dos sacerdotes e dos indivíduos representados nelas. Também não poderíamos deixar de notar fotografias referentes a momentos cotidianos, que foram tiradas de maneira mais esporádica, espontâneas, estas com uma representatividade bem menor no acervo.

Outro destaque eram eventos externos ou não religiosos em seu terreiro, em sua totalidade relacionados a atividades de militância para com a religiosidade afrodiáspórica. Estes, no geral, se fazem presentes em fotos com características mais recentes. O que, em nosso ponto de vista, os caracteriza como uma ação que ocorreu mais tardiamente na trajetória de vida do sacerdote e que pode estar ligada a um processo de ampliação estrutural referente às políticas afroreligiosas na região. Temos aqui diferentes hipóteses a serem testadas: a de que essas manifestações poderiam não ter existido; ou que não eram tão evidentes; ou que Pai Tayandô adentrou nesse movimento político de militância posteriormente; ou a de que elas não se encontram

representadas nesse acervo. Questões que pesquisas posteriores tendem a elucidar.

A representação destes eventos políticos também elucidada a rede de sociabilidade e política com a qual Pai Tayandô possuía relações. Temos no acervo diversas fotos com lideranças religiosas e personalidades políticas como: Edmilson Rodrigues, político atualmente do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), que já assumiu diversos cargos importantes, como Deputado Federal (2017-2017), e atualmente é prefeito de Belém (2021-); e Ana Júlia Carepa, que foi a primeira mulher Governadora do Estado (2007-2011). Com relação aos afroreligiosos, temos Edson Katendê, Mãe Nangetu e Mãe Lulu do Terreiro Dois Irmãos (Figura 6), dentre outros.

Figura 6 – Fotografias do acervo pessoal de Pai Tayandô. A) Fotografia da reunião de organização para Festa das Raças, ano de 1997, com detalhe do verso, escrito com a letra do sacerdote “Reunião com o Prefeito” (MS-A12.1). B) Fotografia com a equipe do documentário “A descoberta da Amazônia pelos turcos encantados”, do ano de 2005, onde encontra-se escrito no verso “Equipe Doc/TV Ilé Ase Nago Março/2005” (MS-A13.11). C) Encontro Mensal das Nações (MS-A4.56), realizado no terreiro do sacerdote, provavelmente no ano de 2005.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024



Fonte: Acervo pessoal do Pai Tayandô, digitalizada pelo Museu Surrupira em 2023.

Destacamos a imagem em que Pai Tayandô chefiou a setorial do movimento afroreligioso, quando foi convidado para a organização do evento *Festa das Raças*, que ocorreu durante o primeiro mandato do então prefeito Edmilson Rodrigues (1996-2000). Evento patrocinado pela prefeitura de Belém e lideranças do movimento negro. Nesse contexto é que temos a reunião dele com o Prefeito Edmilson e o sacerdote Edson Katendê (Figura 6A). Com relação a essa imagem, obtivemos o seguinte testemunho de Pai Junior:

Foi o primeiro prefeito a abrir as portas para os afroreligiosos, o que causou muitas notícias sensacionalistas na mídia. Ele também criou uma setorial no congresso das cidades para os afroreligiosos, pois existia somente a setorial do movimento



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

negro, mas nós não nos sentíamos representados, pois nem todo negro é afrorreligioso (Entrevista 2 com Pai Junior, 2023)

Ressaltamos também a fotografia que Pai Junior nos contou ser uma das atividades organizadas por Pai Tayandô em seu terreiro, que denomina ser o evento *Encontro Mensal das Nações* (Figura 6C). Nesta atividade ele promovia, em seu terreiro, palestras sobre diversos temas que considerava importantes para a sua comunidade afrorreligiosa. Dentre os temas, estudos sobre as linhas de trabalho da casa, sobre Umbanda, Tambor de Mina, Candomblé Nagô, além de temas relacionados à busca de direitos civis, saúde pública e o fomento a pesquisas.

Sobre tal prática, vemos uma reprodução deste aspecto no terreiro de Pai Welbe, em que ele ou suas entidades elegem temáticas sociais nas festividades da casa, pois já presenciamos palestras sobre violência contra as mulheres e saúde mental, em relação à depressão. Outro aspecto que nos é desvelado com a convivência com Pai Welbe é que Pai Tayandô incentivava que seus filhos de santo realizassem muitas dessas palestras. Em diversas ocasiões, ele nos mostrou textos produzidos por ele para tais conferências. Temos no material fotográfico o registro de um mural que ficava no terreiro de Pai Tayandô, intitulado *Conquista de um Povo*, onde colocava diversas informações, como as programações do terreiro e diversos saberes, como sobre as entidades. Também sabemos que existia a produção de um jornalzinho interno, que circulava entre os filhos de santo e que ficava nesse mural.

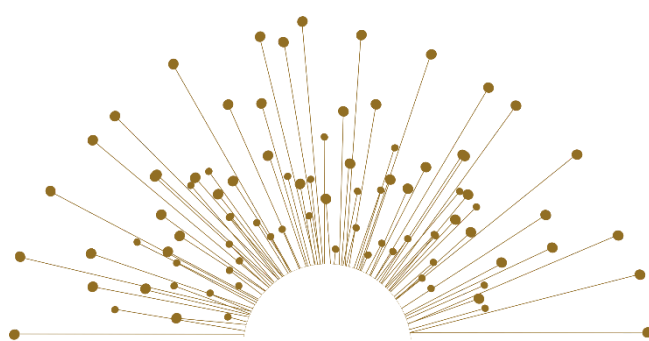
Pai Tayandô também se tornou muito popular pelo documentário *A descoberta da Amazônia pelos turcos encantados*, dirigido por Luiz Arnaldo Campos (2005), onde conta a história de diversos encantados do Tambor de



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Mina e narra a história das três princesas da Família da Turquia, Mariana, Herondina e Jarina. Sobre esse evento, também temos representações imagéticas, como a fotografia dele com a equipe do documentário (Figura 6B). Com relação a essas imagens, Pai Júnior nos evidenciou que Pai Tayandô sempre teve anotações sobre as entidades e fundamentos e os seus cadernos foram utilizados como base para a construção do roteiro do filme. Nos disse que foram gravadas cerca de 48 horas de filmagens, as quais foram resumidas em 45 minutos do documentário e que existia o planejamento de fazer outro documentário, como da família de Bandeira do encantado João das Matas (Entrevista 2 Pai Junior, 2023).

O sacerdote possuía relações com diversos pesquisadores e acadêmicos. Alguns estudaram o seu terreiro, dos quais destacamos a inglesa Emma Cohen, que escreveu sua tese com base em vivências no terreiro de Pai Tayandô e que deu origem ao livro *The Mind Possessed: the cognition of spirit possession in an afro-brazilian religious tradition* (Cohen, 2007). Assim como nutria amizade pela antropóloga paraense Anaísa Vergolino, que desenvolveu uma tese que foi um marco para as pesquisas sobre as religiosidades afroamazônicas - O Tambor das Flores (Silva, 2015). Com base no relato de Taissa Tavernard de Luca (2010), podemos compreender que Pai Tayandô pode ser considerado um intelectual e que dialogou em plena sintonia com os aportes acadêmicos, sempre se aprofundando nos conhecimentos de sua religião e nos diversos materiais textuais. Na ocasião em que nos deparamos com os acervos, pudemos averiguar a existência de uma complexa biblioteca da qual muitos trabalhos antropológicos faziam parte. Como já mencionado, Pai Tayandô estudou História, porém não concluiu e, conforme Taissa Tavernard de Luca:



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

[...] é o que se pode chamar de pesquisador nativo. Interage diretamente com a academia. Percebi seu interesse em buscar informações históricas para entender as doutrinas e construir o mito, para poder dar entrevista. Com ele realizei uma entrevista por entidade, por vezes tentava perguntar sobre outro encantado que não fosse o escolhido como o tema do dia e ele pedia para deixar para a próxima sessão [...] (Luca, 2010, p.114).

Não podemos deixar de citar outras representações simbólicas importantes neste acervo imagético, como imagens agregadas que não foram produzidas pelo sacerdote ou sua comunidade e sim adicionadas a esta coleção. Destacamos a impressão de uma imagem da sacerdotisa Margarida Mota (Figura 7A), anexada em meio às outras fotografias como parte integrante do acervo e que nos traz a forte constituição identitária e formativa de um sentido da base da tradição religiosa de Pai Tayandô no Tambor de Mina. Esta sacerdotisa é tida como uma grande matriarca do Tambor de Mina Nagô, tendo sido a mãe de santo de Pai Orlando Bassu, seu babalorixá. Segundo Campelo e Luca (2007), Margarida Mota foi iniciada pela africana Massinokô-Alapong, fundadora do Terreiro do Egito no Maranhão. Segundo Pai Junior, Pai Orlando Bassu teria feito este registro fotográfico em uma das festas do Divino Espírito Santo.

Essa foto aí, quero me lembrar o nome de santo dela, mas o profano é Margarida Mota. É a mãe de santo do Pai Bassu, foi daí que o Pai Bassu trouxe a parte de Vodum do Maranhão, foi através dela. Foi daqui pra lá pro Maranhão se iniciar na casa dela. (Entrevista de Junior, 2023)

Outra imagem agregada que gostaríamos de destacar é a da pesquisadora Emma Cohen em uma praia (Figura 7B). Esta imagem provavelmente foi presenteada por ela, devido ao vínculo de afetividade e amizade estabelecido ao longo do processo de sua pesquisa, durante a qual passou muitos dias no terreiro de Pai Tayandô. Exemplificando esse aspecto, tivemos acesso ao livro de sua tese, com o qual presenteou o sacerdote,

colocando uma dedicatória direcionada a Pai Tayandô e todas as pessoas da casa (Figura 8).

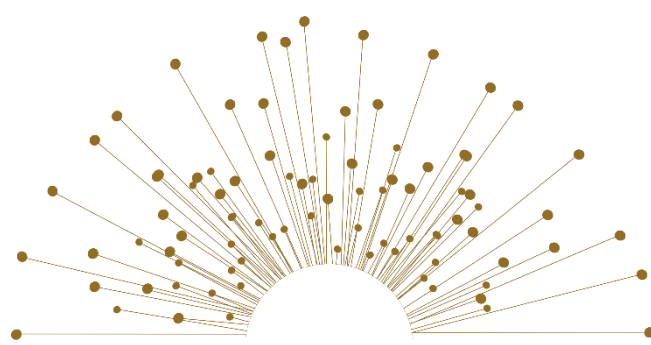
Conforme o apresentado para com o acervo fotográfico, podemos perceber um pouco da sua complexidade. Na quais destacam-se diversas representações e a partir delas compreendemos a importância das mesmas, além das narrativas sobre o acervo. Logo, nesse artigo designamos essas diversas relações de maneira informacional, apontado o processamento vinculado a estruturação da documentação do acervo digital, para que posteriormente sirva de base de dados para pesquisas mais detalhadas sobre a trajetória de Pai Tayandô.

Figura 7 – Fotografias do acervo pessoal de Pai Tayandô. A) Fotografia de Margarida Mota, sem datação (MS-A2.1). B) Fotografia de Emma Cohen na praia, provavelmente de 2002 (MS-A11.1).



Fonte: Acervo pessoal do Pai Tayandô, digitalizada pelo Museu Surrupira em 2023.

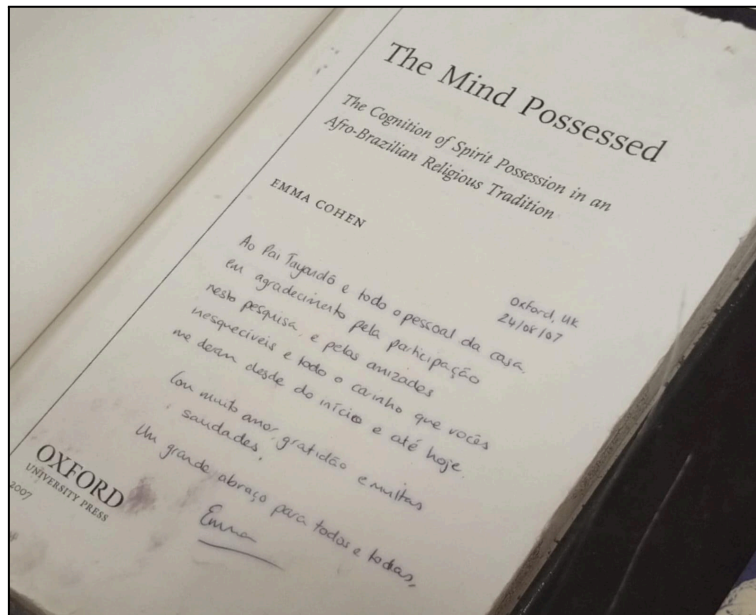
Figura 8 – Contracapa do livro “The Mind Possessed” de Emma Cohen com dedicatória a Pai Tayandô e às pessoas do terreiro.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024



Fonte: Fotografia do Museu Surrupira, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não buscou encerrar a história de vida de Pai Tayandô em suas complexidades, mas mostra as possibilidades constitutivas de sua memória, principalmente utilizando de base o seu acervo fotográfico: uma coleção que constituiu em vida, selecionando e agregando itens de acordo com lógicas compreensivas para ele. No entanto, nossa questão era a de relatar os processos informacionais utilizados na realização organizacional deste acervo. Destacamos, que a complexidade de tal tarefa aponta diversos indícios perceptivos, os quais auxiliam a produção de novos conhecimentos científicos, tais como novos artigos, trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações. Os quais poderão adentrar mais profundamente no universo histórico e mnêmico aqui apontado; assim como trazer outros interlocutores que possam fornecer outros ângulos perceptivos para esse acervo. Nossa função aqui é a



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

de estabelecer um aporte documental, agregando um sistema informacional atrelado às narrativas de nossos interlocutores, Pai Junior e Pai Welbe, já que não temos mais o próprio Pai Tayandô para fornecer esse testemunho.

Nesse aspecto, ressaltamos as interligações da extensão com a pesquisa, pois, como aqui percebido, uma retroalimenta a outra e alicerçam aportes para produção de conhecimentos futuros, uma função propositiva de grande parte dos acervos museais, principalmente os acervos de cunho universitário. Destacamos que este acervo se mostrou diverso e com muitos potenciais de elucidação da trajetória de vida de Pai Tayandô, assim como outros sujeitos que se encontram representados nele. Por exemplo, as imagens de feitura e saídas de santo de diversos de seus filhos ou até mesmo seus encontros políticos e afetivos.

Com isso, conseguimos evidenciar a existência de várias redes de sociabilidade de Pai Tayandô, além de suas relações políticas, de militância, ritualísticas e principalmente afetivas. Apontamos, assim, alguns pequenos exemplos estruturais e que exemplificam tal importância, como a agregação da imagem de Margarida Mota ao acervo, a qual sem dúvidas foi intencional e constituidora de identidade e tradição para o sacerdote, tendo ela sido uma eminente referência do Tambor de Mina Nagô. Outro aspecto interessante apontado é a relação de Pai Tayandô com a academia, sendo ele um sacerdote e intelectual que esteve próximo de antropólogas(os) e historiadoras(es) e que muito contribuiu para o conhecimento das religiosidades afro-amazônicas, principalmente no estado do Pará.

REFERÊNCIAS



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ALCANTARA, R.A.T.; BLANCO, J.M.; MELO, D.J.; ROSI, M.H.O.Z.. Museu e arte: a produção de um audiovisual no Ilê Asé Nagô Igboalama e Osun (Ananindeua – PA). In: *Anais do X Fórum Bienal de Pesquisa em Artes, III Encontro Regional ANPAP Norte-Belém-PA, Jornada Arte Educação PROFARTES/UFGA*. Belém: Programa de Pós-graduação em Artes da UFGA, 2023.

BANKS, Marcus. *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli (Coord.). *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1996. 142p

CAMPELO, Marilu; LUCA, Taissa Tavernard. As duas africanidades estabelecidas no Pará. *Revista Aulas*, Campinas, n.4, p.1-27, 2007.

CAMPOS, Luiz Arnaldo. *A descoberta da Amazônia pelos turcos encantados*. Documentário, 2005. YouTube, Cinemateca Paraense, 21 de jun. de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dLiZ4b0qTIA&t=1287s>
Acesso em: 20/04/2024.

COHEN, Emma. *The Mind Possessed: the cognition of spirit possession in an afro-brazilian religious tradition*. New York: Oxford university Press, 2007.

COSTA, Lucas. *Morre Pai Orlando Bassú, precursor na iniciação de pessoas trans no Candomblé no Pará*. O Liberal, Belém, 06 de fevereiro de 2022. Disponível em:



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

<https://www.oliberal.com/belem/morre-pai-orlando-bassu-precursor-na-iniciacao-de-pessoas-trans-no-candomble-no-para-1.493062>. Acesso em: 27/04/2024.

FONTES, Edilza Joana Oliveira; MESQUITA, Thiago Broni de (Orgs.). *A Amazônia e a ditadura militar no Brasil*. Ananindeua PA: Cabana, 2024.

FREUND, Gisele. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1976.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Unirio, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

JUNIOR, Valdeci. *Baba Tayando*. YouTube, Depoimento de líderes do Estado do Pará, 23 nov. 2019. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=BcGndNKOIYE&t=171s> Acesso em: 10/04/2024.

LIMA, Zeneida. *O mundo místico dos caruanas e a revolta de sua ave*. Belém: CEJUP, 1993.

LUCA, Taissa Tavernard de. *“Tem branco na guma”*: a nobreza europeia montou corte na encantaria mineira. Tese do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, 2010.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. Pajelança e encantaria amazônica, *In*: PRANDI, Reginaldo (Org.) *Encantaria brasileira*. Rio de Janeiro: ed. Pallas, 2001, p.11-58.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

MELO, Diogo Jorge de. *Festas de encantarias: as religiões afro-diaspóricas e afro-amazônicas, um olhar fratrimonial*. 2020. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2020.

MELO, Diogo Jorge de; CAMPOS, Marcelo Coelho. Terreiro Dois Irmãos como um espaço museal da cidade de Belém (PA). *Mouseion*, Revista do Museu e Arquivo Histórico La Salle, n.44, 2023, p.1-19.

MELO, Diogo Jorge de; MONTEIRO, Lidiane dos Santos. A Capela do Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim da Água Vermelha de João de Camargo como um espaço museal da cidade de Sorocaba (SP). In: MELO, D. J. de.; SANTOS, L. B. dos.; ROMEIRO, N. L.; RANGEL, T. R.. *Repensar o Sagrado: as tradições religiosas no Brasil e sua dimensão informacional*. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, Selo Nyota, 2021, p. 145-170.

MELO, Diogo Jorge de; ROSI, Marcos Henrique de Oliveira Zanotti; BARROSO, Gisele Nascimento; SANTOS, Cássio Alexandre. Experimentações museais do Museu Surrupira. In: *5º Seminário Interdisciplinar de Museologia: o museu para a comunidade*. Blumenau, SC: Fundação Hermann Hering, 2023, p.50-58. ISBN 978-85-66346-02-2.

MURGUIA, Eduardo Ismael; REGISTRO, Tânia Cristina. O arranjo arquivístico como escrita: uma reflexão sobre a narrativa em imagens a partir do Fundo Pedro Miranda no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. *TransInformação*, v.18, n.1, 2006, p.71-82.

MUSEU SURRUPIRA. *Meu Terreiro Meu Museu - Tambor de Mina: na casa de Asé Nago Igboalama e Osun*. YouTube, 12 dez. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ijq15ogFL0w&t=54s>.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

NOGUEIRA, Yasmin de Freitas. *Memória de um corpo negro feminino: narrativas poéticas, ancestralidade e processos criativos*. Tese (Doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, 2019.

PANTOJA, Rudyeri Ribeiro; FARIAS, Rômulo Pantoja; SCHAAN, Denise. *Pajelança*. YouTube, Trabalho de Antropologia Sonora e Visual do Curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual da UFPA, 20 jun. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?si=bYCgi9sbYX-DIFn_&v=DFaug8OzBAC&feature=youtu.be.

PESAVENTO, Sandara Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

POMIAM, Krzysztof. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi: Sistemática*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v.42, 2000.

RANGEL, Thayron Rodrigues; FERREIRA, Ramon Maciel (Org.). *Memórias da Ditadura: a Arquivologia e o direito do acesso*. São Paulo: ARQ-SP, 2019.

SALLES, Vicente. A metamorfose da ave. In: Maués, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira (Orgs.). *Pajelanças e religiões africanas na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2008, p.127-135.

SILVA, Anaíza Vergolino e. *O Tambor das Flores: uma análise da federação espírita umbandista e dos cultos afro-brasileiros do Pará (1965-1975)*. Belém, PA: Paka-Tatu, 2015.

SOFKA, Vinos (Ed.). *MuWop: Museological Working Papers*. Museology – science or just practical museum work? Estocolmo, Suécia, International Committee for Museology, n.1, 1980.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

SOFKA, Vinos (Ed.). *MuWop: Museological Working Papers. Interdisciplinarity in Museology*. Estocolmo, Suécia, International Committee for Museology, n.2, 1981.

SOUZA, Elizeu Clementino; SOUSA, Cynthia Pereira; CATANI, Denice Barbara. A pesquisa (auto)biográfica e a invenção de si no Brasil. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v. 17, n. 29, 2008, p.31-42.